

QUANDO NASCE UMA

MÃE

HISTÓRIAS SOBRE A GRAVIDEZ
NA ADOLESCÊNCIA

CAMILA HAMMES MARIAN

Alice* acreditou que o marido poderia se tornar uma pessoa melhor. Renata quis aproveitar o vigor da juventude. Julia realizou o sonho do namorado. Fernanda não se preveniu. Andressa deixou acontecer no pior momento. Luana pensou que nunca ia acontecer com ela. Cada uma dessas mulheres tem diferentes histórias, rotinas e planos, mas uma experiência as une: a de viver uma gestação na adolescência.

Quando decidiram engravidar – ou manter a gravidez –, as seis entraram para as estatísticas. De acordo com um relatório divulgado em 2013 pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), todos os dias, milhares de meninas com menos de 19 anos de idade dão à luz em todo o mundo. Vinte mil delas vivem em países considerados “em desenvolvimento”, como o Brasil.

Em nosso país, um quinto das crianças nascidas vivas são filhas de adolescentes. Elas vivem em todas as regiões, cidades, e estados. São de todas as cores e etnias. Estão em todas as classes sociais. Elas vêm de uniões estáveis e casos de uma noite. De pais presentes e desconhecidos. É possível dizer que o fenômeno é universal, mas não democrático: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2007 pelo IBGE, revelou que 44,2% das meninas de 15 a 19 anos com filhos pertenciam à faixa de renda média familiar de até meio salário mínimo per capita, o estrato de renda mais baixo da população. Dentro desse estrato, quase 18% das adolescentes eram mães. Na outra ponta da pirâmide social, entre as que pertenciam ao grupo com renda acima de cinco salários mínimos, a proporção não chegava a 1%.

Essa relação entre desigualdade social e índices de gravidez na adolescência pode ser explicada por uma série de motivos. Falta de acesso à educação de qualidade, aos serviços de saúde, à informação, aos métodos contraceptivos e também ao aborto seguro estão entre eles, mas não são os únicos responsáveis pelo fenômeno. Pesquisas realizadas em todo o país nas últimas décadas mostram que o que mais

marca a trajetória dessas jovens é a limitação de possibilidades. “O contexto de vulnerabilidade pode favorecer a ocorrência da gravidez na adolescência na medida em que oferece oportunidades escassas de desenvolvimento aos jovens, em termos de possibilidades de dar continuidade aos estudos e acessar à universidade ou cargos profissionais mais valorizados socialmente”, explica a psicóloga do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago (HU/UFSC), Rejane de Farias.

Ela afirma que muitas adolescentes já possuem responsabilidades como cuidar da casa, dos irmãos ou até mesmo contribuir com o orçamento doméstico. “Nesse sentido, formar uma família pode constituir-se em um projeto de vida para muitas adolescentes que veem na gravidez uma possibilidade de obter emancipação ou dar um sentido à sua vida”, complementa.

Gravidez, maternidade, adolescência e juventude são conceitos que não se apresentam da mesma forma para todos. A psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Marivete Gesser, critica o uso do termo ‘adolescência’ como algo natural, comum a todas as pessoas. Prefere pensar em ‘adolescências’ ou ‘juventudes’, considerando que não exista uma única maneira de ser jovem. “Nós temos que olhar para cada sujeito dentro do seu contexto. Esse contexto é histórico, atravessado por questões de gênero, de geração, de classe social, de etnia, de religião e de orientação sexual”. Gesser, que já realizou diversos trabalhos sobre educação sexual com adolescentes de escolas públicas, defende que “o que para algumas pessoas, principalmente das camadas médias e altas, é um problema, muitas vezes é interpretado por essas adolescentes de camadas populares como algo bom”.

Mesmo entre as jovens citadas nessa reportagem – todas do mesmo gênero, da mesma região do país e da mesma camada social – não é possível homogeneizar as experiências de juventude e gravidez na adolescência. Suas vivências são únicas.

Não repara na bagunça”, adverte Luana enquanto empilha algumas roupas de criança, fraldas de pano e brinquedos no canto do sofá desgastado pelo tempo. A jovem de 19 anos vive com a mãe, a irmã caçula e a filha de um ano e meio em uma pequena casa no loteamento José Nitro, em São José, região metropolitana de Florianópolis.

Quando ficou grávida de Ana Beatriz, Luana tinha apenas 16 anos de idade e nenhuma pretensão de ser mãe, ao menos não naquele momento. O namoro era recente, havia começado há cerca de um mês, e acabou rendendo mais do que o esperado. “Acidente não foi, porque só tem filho quem quer. Foi falta de cuidado mesmo”, admite.

“Quando a gente tá com a cabeça de jovem pensa assim, que nunca vai acontecer com a gente. É como um cara entrando no tráfico, acha que a polícia nunca vai pegar”. Na época, ela não sabia muito bem o que era “o tal do” anticoncepcional – palavra que ainda se enrola para pronunciar; e a camisinha não fazia parte da rotina do casal.

“Quando ficou sabendo da gravidez, o pai dele deu uma caixa de sapato cheia de camisinha pra gente. Aí depois que eu ganhei o bebê nós começamos a usar. Foi uma liçãozinha”, conta, aos risos.

Não muito longe dali, no loteamento Morar Bem, Fernanda participa de mais uma reunião do grupo de gestantes organizado por uma instituição de assistência social instalada na comunidade. A atividade do dia é uma sessão de fotos para o álbum que as futuras mães ganharão como lembrança desse momento de suas vidas. Na manhã quente de final de março, Fernanda usa uma blusa de alças finas, bermuda jeans e sandálias de dedo. Os pés, inchados, sofrem os efeitos do calor e da gravidez. A gestação foi fruto de um relacionamento estável, mas tampoco foi planejada: aconteceu logo na primeira semana após o casamento. “No começo, fiquei meio assim porque eu não queria, não tava preparada para ser mãe. Eu achava que era muito nova”, desabafa, enquanto fita o chão com os

grandes e fundos olhos verdes.

Com 17 anos recém-completados e mais de sete meses de gestação, Fernanda aguarda com ansiedade o nascimento da filha. O nome já foi escolhido: vai se chamar Kauanny. Tímida, posa para a câmera empunhada pela assistente social, exibindo a volumosa barriga. A entrada no grupo de gestantes a ajudou a aceitar melhor a perspectiva de ser mãe e saber de outras meninas que também estavam passando pelo processo foi fundamental para sua auto aceitação: “Eu comecei a acostumar porque vi que não era só eu da minha idade que tava grávida. A minha cunhada também ficou com essa idade, a minha vizinha... Aí eu não me senti tão excluída”.

O grupo de gestantes frequentado por Fernanda reúne mulheres de toda a região da Serraria, se-

gundo bairro mais populoso de São José. Entre elas está Andressa. Simpática, tem o sorriso largo, do tipo que deixa as gengivas à mostra. Um rabo de cavalo prende seus longos cabelos loiros, que balançam de um lado para o outro conforme ela caminha. Em sua

segunda gestação, Andressa conhece bem as aflições de engravidar aos 16. Há quatro anos, quando descobriu que esperava seu primeiro filho, havia acabado de terminar um namoro de cinco meses com um homem de quem não gostava. Ao saber da notícia, o pai disse que a criança não era dele, e se recusou a assumi-la. A adolescente também sofreu a rejeição da avó, que não aceitou a gravidez da neta que criava como filha, e a expulsou de casa. Faltando pouco tempo para o nascimento da criança, o ex-namorado ressurgiu em sua vida. Ameaçou tirar dela o filho, quando este completasse dois anos, e logo em seguida desapareceu novamente. Como uma espécie de maldição, em exatos dois anos ele voltou. Perseguições e ameaças passaram a fazer parte da vida de Andressa. Ela era seguida pelas ruas e teve sua casa invadida. O medo de que algo acontecesse a seu filho não a deixava viver tranquilamente. Ela entrou na justiça, e por

“QUANDO A GENTE TÁ COM
A CABEÇA DE JOVEM PENSA
QUE NUNCA VAI ACONTECER
COM A GENTE. É COMO UM
CARA ENTRANDO NO
TRÁFICO. ACHA QUE A
POLÍCIA NUNCA VAI PEGAR”

intermédio de um advogado, tentou fazer um acordo para que o pai pudesse visitar o filho. Mas o homem, que era da Bahia, não aceitava essa alternativa: queria levar a criança para viver naquele estado com ele. A perseguição apenas cessou quando o atual companheiro de Andressa foi viver com ela. “Desde então, o outro nunca mais apareceu”, diz, aliviada. Ela se orgulha da relação que tem com o filho, e afirma não se arrepender da maternidade precoce, mas, se tivesse a chance, não faria de novo: “Por causa do pai dele”.

Ao contrário de Andressa, Fernanda e Luana, Julia havia planejado sua gestação. Mas para ela as coisas também saíram diferentemente do esperado. Namorava há apenas seis meses quando, aos 15 anos de idade, decidiu atender aos pedidos do companheiro e engravidar. Na época, o rapaz servia ao exército e estava prestes a sair em uma missão de paz no Haiti. “Eu engravei antes de ele ir, ele ficou seis meses lá e eu fiquei aqui, sozinha. Querendo ou não, a mulher fica muito mais sensível na gravidez, e eu tive que passar por tudo isso sem ter ele do meu lado. Foi muito difícil pra mim”.

O segundo filho não fazia parte dos planos. Julia tomava anticoncepcional regularmente, mas acabou engravidando por conta da reação de outro medicamento que cortou o efeito do contraceptivo. “Foi bem triste, pelo fato de eu não ter planejado e já ter retomado minha vida depois da primeira gravidez. Querendo ou não, quando tu engravida tu para várias coisas.”

O casal, que foi viver junto assim que ele voltou do Haiti, se separou depois de cinco anos. Hoje, aos 20 anos, Julia tem uma rotina atribulada: concilia o trabalho como recepcionista, o curso técnico de enfermagem e os cuidados com os dois filhos pequenos: Eryck, de dois anos, e Anna, de quatro. Com a separação, o pai das crianças seguiu com sua vida e pouco participa da criação dos filhos. Julia sente muito essa ausência, principalmente porque, se não fosse por ele, jamais teria engravidado. A estudante de enfermagem, de fala pausada e olhar sério, demonstra convicção no que diz. “Sempre fui muito de pensar mais nos outros do que em mim, e foi pensando nele, no sonho que ele tinha, que eu tive minha filha. Posso dizer que foi um impulso.



Não me arrependo, porque esses dois são tudo pra mim, mas eu imaginava que ia ser bem diferente”.

Do outro lado da cidade, Renata conta os dias para conhecer a primeira filha. Aos 17 anos de idade e grávida de quatro meses, fala com orgulho sobre os preparativos para essa nova fase de sua vida. A gestação, a princípio, estava programada para o próximo ano, “só que ela foi mais apressadinha e quis vir antes”, revela, enquanto enrola com as mãos as pontas dos longos e bem cuidados cabelos escuros. Sabendo estar em uma época onde grande parte das mulheres opta por priorizar a carreira e adiar a gravidez, justifica sua escolha: “Eu sempre dizia: ‘não vou ter filho cedo!’, mas depois de um tempo, comecei a pensar assim: se é pra ter, se vier logo, tá bom. Porque aí tem mais tempo pra curtir ele, não vou estar velha nem cansada, vou ter mais energia, vai ser bem melhor.”

Casada há quase um ano, Renata considera-se privilegiada por ter um relacionamento estável e um marido companheiro, que irá ajudá-la na criação da filha. O casal vive em uma pequena casa de madeira em um terreno na mesma rua onde vivem as mães dele e de Renata, no bairro Serrinha, em Florianópolis.

Ali perto, em um imóvel alugado, vive a irmã mais velha de Renata, Alice, que passou pela experiência da maternidade ainda mais cedo: engravidou aos 15 e teve sua primeira e única filha aos 16 anos de idade. Estava casada há nove meses quando ficou grávida, realizando uma vontade do então marido. “Eu achei que se eu engravidasse, ele poderia melhorar. Ele era muito ciumento, não era bom comigo. Então eu pensei que talvez ele fosse, sei lá, criar maturidade, pensar na filha... Mas não deu

muito certo”, admite Alice, com uma risada sem graça.

Hoje, aos 20 anos de idade, está separada e trabalha em um restaurante. Vive dedicada à filha. Com um sorriso meigo e olhar simpático, fala com orgulho da menina: “Minha melhor amiga”. As duas poderiam tranquilamente passar por irmãs. Alice, que mede pouco mais de 1,50m de altura, parece ainda não ter passado dos 16 anos. As espinhas no rosto entregam uma adolescência que, biologicamente falando, já deveria estar no fim. A combinação de calças jeans, tênis e moletom com capuz, estrategicamente escolhida para caminhar até a casa da mãe naquela noite fria de sexta-feira, ajuda a reforçar a imagem. Em uma sociedade onde ainda existem os mais diversos tipos de preconceito, Alice descobriu que aparência juvenil e maternidade podem não ser uma boa combinação. “Quando eu estava grávida, e ainda hoje, quando eu saio com ela, o tempo todo pessoas estranhas me param na rua pra me ofender. Já me perguntaram se eu tinha ganhado ela aos nove anos de idade, já ouvi que não tenho vergonha na cara por ter tido filho tão nova... Uma vez, um vizinho meu me encontrou na rua e disse: ‘nossa, Alice, você me surpreendeu. Tão novinha, eu achei que você ia descuidar da tua filha. Que ia deixar ela aos farrapos. Mas mesmo assim até que você cuida bem”.

A gravidez entre adolescentes não é um fenômeno recente, mas foi somente nas últimas décadas que passou a ser vista de forma negativa. Durante muito tempo, a faixa etária que hoje é classificada como precoce era considerada a ideal para uma mulher casar e ter filhos. A enfermeira obstetra do Hospital Universitário de Florianópolis, Silvana Maria Pereira, lembra que, para gerações de mulheres como nossas avós e bisavós, seguir o “destino biológico” do casamento e da maternidade era uma das únicas alternativas. “As escolhas para qualquer coisa além disso eram reduzidíssimas. Elas não tinham acesso à educação formal, não tinham acesso aos bens, então, ou elas eram mantidas pelo pai, ou precisavam de um marido para as sustentar.”

Julia é ciente de que sua escolha foi na direção contrária do que é melhor aceito socialmente nos dias de hoje. Assim como Alice, ela também já

sentiu na pele o preconceito. “Pela minha primeira filha não, mas quando eu tive o segundo as pessoas falavam: ‘meu deus, tão nova e com dois filhos, como pode isso?’ Mas eu digo que pra mim eles são tudo. Vou seguir em frente e não vou parar a minha vida porque eu tive dois filhos.”

Uma das principais críticas voltadas às jovens que engravidam antes dos 18 anos diz respeito à perda de oportunidades. A psicóloga Marivete Gesser argumenta que o grande problema dessa ideia, já cristalizada em nossa sociedade, reside no fato de que essas oportunidades não se apresentam de maneira igual para todas. “Essa noção de que você primeiro tem que estudar, ter um curso superior, se profissionalizar, fazer uma viagem internacional e mais uma série de coisas antes de ser mãe é uma construção das camadas médias e altas que está no imaginário social. Esse tipo de experiência faz parte da vida de um determinado grupo muito restrito”.

A imagem que se tem atualmente sobre a gravidez na adolescência foi sendo construída aos poucos na sociedade, por meio de discursos especializados, como o biomédico e o psicológico, que sempre a vincularam ao conceito de risco. A historiadora Maria Luiza Heilborn e os demais autores do artigo “Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência” explicam que, enquanto o discurso biomédico costuma enfatizar os perigos de uma gravidez precoce para a saúde da mãe e da criança, o psicológico alerta para os “riscos psicossociais” envolvidos na “imaturidade psicológica das adolescentes”. Esse discurso está diretamente relacionado à ideia de que adolescentes não são capazes de criar seus filhos, e motiva situações de preconceito como as vividas por Alice e Julia.

Outra perspectiva, que surgiu a partir dos anos 80, relaciona a gravidez na adolescência a um cenário de agravamento da pobreza, aumento da delinquência e da criminalidade. A questão é que, especulações à parte, não há um consenso quanto ao impacto da gravidez na vida das adolescentes. No artigo “Sobre a experiência sexual dos jovens”, a médica Wilza Vieira Villela e a assistente social Daniella Tech Doreto apontam que mais de 40% das meninas que se tornaram mães já estavam fora da escola, ou seja, não seria possível atribuir o abandono escolar à maternidade. Os dados

referenciados no relatório são de 2003, mas, de acordo com a médica, ainda podem ser considerados válidos no contexto atual, embora em menores proporções. Ela defende ainda que as condições socioeconômicas também interferem na inserção dos jovens na vida profissional. “As meninas pobres têm pouca chance no mercado de trabalho. Estudadas ou não, com filhos ou não, a expectativa profissional é pequena, e elas têm uma inserção muito errática no mercado de trabalho”, defende Villela.

A enfermeira Silvana Maria Pereira lembra que o próprio conceito de adolescência é relativamente recente. “O adolescente como esse ser especial da sociedade, que é foco de políticas públicas, de cuidado e de atenção é uma construção social do início do século passado. Antes não havia esse momento de transição e preparação, as pessoas logo entravam na vida adulta. O que a gente vive agora é o outro extremo, que é uma adolescência

“DURANTE MUITO TEMPO,
A FAIXA ETÁRIA QUE HOJE É
CLASSIFICADA COMO PRECOCE
ERA CONSIDERADA A IDEAL
PARA UMA MULHER CASAR
E TER FILHOS”

tardia. Tem países em que os governos estão precisando incentivar adultos de 30, 35 anos de idade a saírem de casa, porque eles ainda dependem dos pais”.

Pereira concorda com a perspectiva de que não há somente uma juventude, ou uma adolescência, mas distintas vivências de juventudes e adolescências, moldadas de acordo com as condições socioeconômicas e culturais. “Em algumas comunidades, os jovens de 17 anos já estão buscando profissionalização, entrando no mercado de trabalho. Eles não vão estudar pra um vestibular, para então fazerem uma faculdade, se formarem com 25 anos e só então começar a trabalhar. Se estudarem, será à noite, mas sua prioridade vai ser trabalhar pra garantir o sustento econômico. É outra realidade.”

Dona Maria entra no quarto a passos lentos e se senta na cama bem arrumada. Ela observa o grande roupeiro de madeira à sua frente e fixa o olhar no par de espelhos que cobre as portas centrais do móvel. Ao perceber a mulher que a encara no reflexo, não pode acreditar no que vê: uma senhora completamente enrugada, de cabelos brancos, usando uma bengala. Acorda em pânico, mas alguns segundos depois respira aliviada: era apenas um sonho. Ao lembrar o motivo da perturbação noturna, a angústia volta a ocupar o peito: sua filha mais velha, de apenas 15 anos, estava grávida do primeiro filho. Aos 31 anos de idade, Dona Maria descobriu que seria avó. Hoje, vinte anos depois, Maria é mãe de sete e avó de doze. Como em uma espécie de sina, todas as filhas – com exceção da mais nova, de 12 anos – trilharam o caminho de sua primogênita e engravidaram antes da maioridade. Renata e Alice estão entre elas.

“Eu até me ajoelhei aos pés dela, do lado da cama, e disse: ‘Pelo amor de Deus, não faz isso!’. Mas eu sabia que ela ia fazer”, conta Maria lembrando da noite que precedeu a fuga de Alice. A estudante saiu de casa aos 14 anos de idade, para viver com aquele que viria a ser o pai de sua filha. “Eu sabia que ele não valia nada”, justifica a mãe.

Alice, que namorava há apenas dois meses quando tomou a impetuosa decisão, nem sabe explicar como aconteceu. “Ah, foi tudo tão rápido. Eu comecei a namorar e quando eu vi já tava casada.” Apesar das particularidades, sua trajetória não é exceção. Ela faz parte da significativa parcela de adolescentes que já viviam com o cônjuge quando se tornaram mães. De acordo com dados da plataforma digital de informações do Sistema Único de Saúde (SUS), em 2013 pouco mais de 30% das crianças nascidas vivas no país, filhos de adolescentes de 15 a 19 anos de idade, tinham os pais vivendo em união consensual. Outros 9% eram filhos de jovens legalmente casados.

A assistente social Michelle Leon Silvy, que coordena o grupo de gestantes do bairro Serraria, observa que naquela região o casamento – não necessariamente civil ou religioso – é muito comum na vida das adolescentes. “Já estamos aqui há cerca de dois anos, e, em todos os grupos que a gente atendeu, a curiosidade é essa: mesmo as

meninas sendo muito novas, elas já são todas casadas. E algumas delas já tem o planejamento de ter o filho, é um consenso do casal de engravidar.” Andressa concorda com Michelle. Ela percebe que muitas das meninas com quem convive começam a namorar e a casar muito cedo, e acredita que isso tenha a ver com o tipo de relação que elas têm em casa, com a família. “Elas querem fazer as coisas da sua maneira, não da maneira da mãe, do pai, ou da outra pessoa que mora junto. Acho que por isso que casa mais cedo, porque quer ter liberdade. Eu pensava um pouco assim, porque meu avô e minha avó me privavam de fazer muitas coisas”.

Liberdade também foi a palavra usada por Fernanda para justificar a sua decisão de casar. “Na minha cabeça, eu pensava que, se eu casasse, ia ter mais liberdade. Liberdade pra sair, pra mexer no cabelo, esse tipo de coisa... Porque minha mãe é bem chata, ela não deixava eu fazer nada. Achei que casando eu ia ter essa liberdade, mas acabei engravidando.”

No caso de Alice, não foi somente a busca por liberdade que a levou a tentar uma nova vida. Ela e as duas irmãs que ainda viviam com a mãe passaram por momentos complicados na adolescência. A família, que deixou o interior do Rio Grande do Sul em busca de melhores oportunidades na capital catarinense, teve dificuldade para encontrar um novo lar. Com a carga de sustentar sozinha as três filhas, Maria fazia faxina das 6h às 18h, e mal tinha tempo para as meninas. Mesmo trabalhando até chegar à beira da exaustão, o dinheiro não era suficiente, e a busca por aluguéis mais baratos fazia com que elas se mudassem constantemente. Estava difícil criar raízes na nova terra.

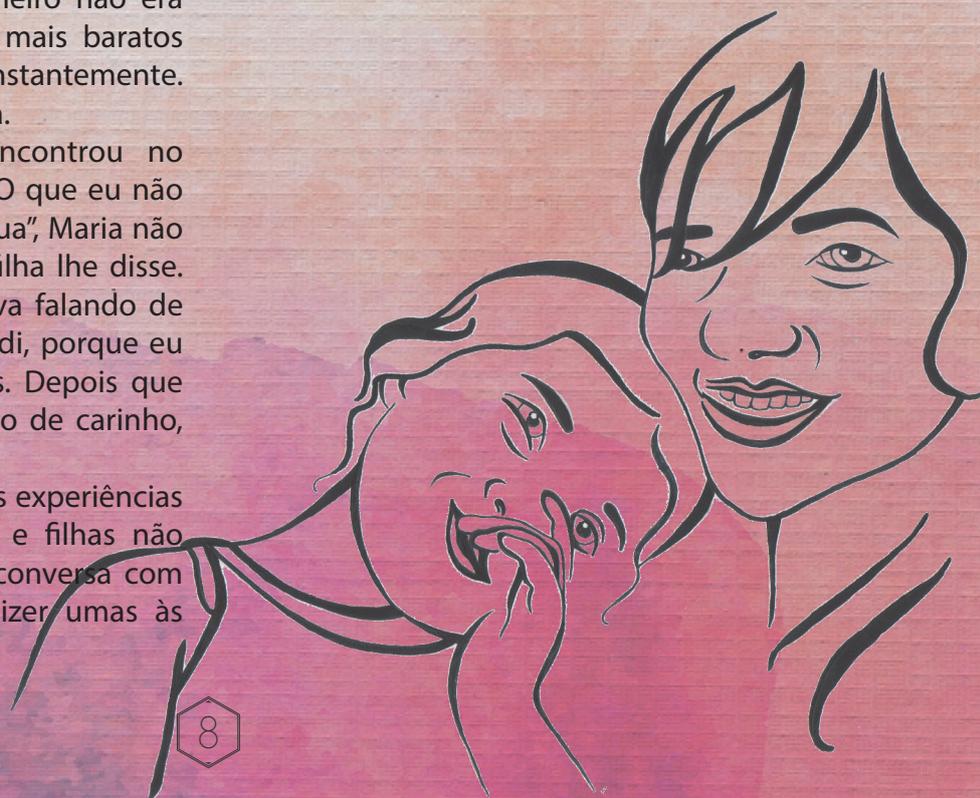
Foi nesse contexto que Alice encontrou no romance adolescente seu refúgio. “O que eu não tenho em casa eu vou procurar na rua”, Maria não esquece das duras palavras que a filha lhe disse. “Na época, eu achava que ela estava falando de roupas e outras coisas, e não entendi, porque eu sempre tentei dar de tudo pra elas. Depois que eu fui perceber que ela tava falando de carinho, atenção...”

Quando aceitaram compartilhar suas experiências de gravidez na adolescência, mãe e filhas não imaginavam que em uma simples conversa com uma repórter teriam tanto para dizer umas às

outras. Naquela noite fria de sexta-feira, reunidas na pequena sala da peça alugada onde Maria e a caçula moram, elas revivem as lembranças dos anos dolorosos. A matriarca da família não se esquece de nenhum detalhe. Enquanto as mãos preparam o chimarrão, a boca fala sobre as histórias do passado e a mente voa longe. Pensa nos inúmeros relacionamentos abusivos, na gravidez precoce, na depressão, na dependência em álcool... “Se a gente fosse começar a contar toda a história da nossa família, daria um livro”. Daria mesmo.

E o enredo do tal livro começaria com a jovem Maria sendo obrigada a casar, por meio de um acordo arranjado pelo pai. O costume que hoje choca, era muito comum em sua época, ainda mais em uma cidade do interior. O marido a deixava passar fome, bebia muito e batia nela. Após dez anos de sofrimento ela “deu um basta” e, mesmo contra a vontade dos pais, pediu o divórcio. “Eu disse pra eles: ‘você fizeram eu casar com ele, eu era de menor. Agora eu sou de maior e faço o que eu quiser. Cansei de apanhar.’”

Depois veio o segundo casamento. A união, que durou cerca de cinco anos, chegou ao fim por conta de uma fatalidade. Maria perdeu o marido e Alice o pai, vítima precoce de problemas cardíacos. O terceiro casamento, com o homem que viria a ser pai de Renata, também estava longe de ser um conto de fadas. “Eu só estou aqui porque o meu pai não respeitou a minha mãe”, desabafa, resignada. Maria havia acabado de voltar de uma



complicada cirurgia de coração, em Porto Alegre. Fraca e debilitada, foi abusada sexualmente pelo marido assim que chegou em casa. Durante toda a gestação ele negou a paternidade de Renata, acusando a esposa de tê-lo traído durante a sua viagem à capital gaúcha. Ironicamente, a menina nasceu extremamente parecida com ele, dispensando a necessidade de qualquer teste.

Após mais uma separação e a vinda para Florianópolis, Maria continuou a se envolver em relacionamentos destrutivos. “Eu acreditava que não podia ficar sozinha, e sempre botava um homem dentro de casa. Botar é fácil, o problema é tirar”, desabafa. Ameaças de morte, depressão, alcoolismo... Foram anos de abismo emocional, social e financeiro. Enquanto ceava um novo mate, Maria se orgulha em dizer que tudo isso ficou para trás. Ela credita a mudança à intervenção divina: “Hoje meu marido é Jesus. Foi ele quem me salvou”. Apesar das visíveis cicatrizes deixadas pelo passado, o presente é vivido com admirável leveza pelas três mães, que enxergam com otimismo o futuro das próximas gerações dessa família de fortes mulheres.

Ao engravidar em uma faixa etária considerada precoce, Andressa seguiu os passos de sua mãe, que a teve com 15 anos de idade. Apesar de terem começado de formas parecidas, as histórias de mãe e filha seguiram trajetórias diferentes. Andressa foi abandonada na maternidade e criada pela avó materna, por quem nutre um carinho digno de filha. Ela cresceu sabendo quem era sua mãe biológica, mas as duas somente estreitaram os laços quando a estudante descobriu que estava grávida.

Assim como seu primogênito, Pedro Henrique, Andressa também havia sido rejeitada pelo pai biológico. Esse foi o principal motivo que a levou a perdoar a mãe, dando a ela uma segunda chance de participar de sua vida. “Ela engravidou nova também, e, depois que eu tive o Pedro Henrique, eu entendi um pouco porque que ela me deixou... Antes eu pensava: ‘Nossa, pra que me deixar? Por que não me levou pra casa?’ Mas ela não era casada, o meu pai também não me quis... sei que deve ter sido difícil pra ela.”

Foi a mãe de Andressa que a acolheu quando a adolescente foi expulsa de casa pela avó. Talvez tenha sido sua forma de pagar a dívida dos anos de rejeição e abandono. Hoje, apesar de ter feito as pazes com a avó e voltado para o bairro onde morava, Andressa continua a contar com a ajuda da mãe. Mesmo vivendo em outra cidade, há cerca de 40 km de São José, é ela quem cuida de Pedro Henrique quando a filha não pode, e também é sob os cuidados dela que Andressa vai passar os meses finais de uma gravidez de risco. “Como meu marido trabalha o dia todo e eu não posso ficar sozinha em casa, porque passo mal, vou para Tijucas ficar esse tempo com a minha mãe, que vai cuidar de mim.” O medo de não ser cuidada e acolhida pela família foi o primeiro pensamento de Luana quando descobriu que estava grávida. Demorou a contar para a mãe, enrolou o quanto pôde para depois descobrir que a progenitora já sabia de tudo há tempos: o teste de farmácia havia sido inocentemente jogado na lixeira de casa. No momento em que a verdade veio à tona, ela percebeu que seus temores eram infundados. Sua família demonstrou total apoio e permaneceu todo o tempo ao seu lado.

O futuro pai, então com 19 anos, queria acompanhar de perto a gestação da filha, e convidou Luana para morar com ele. Foi assim que o namorado virou marido, para alguns meses depois se tornar o ex. A culpa do término, explica ela, foi da família do rapaz, que interferia muito na relação. “Meu ex-marido gostava de mim, mas a família dele não. Eu fui muito maltratada naquela casa. Quando chegou no final da gravidez, uns oito meses, eu percebi que não era a minha vida ficar lá com eles, e pedi um espacinho aqui em casa pra mãe.” O marido a seguiu no retorno ao lar, mas o relacionamento, já minado, não resistiu por mais muito tempo: acabou quatro meses após o nascimento da criança. Ela sorri ao falar, com carinho, sobre o ex-companheiro, que hoje já está em um novo relacionamento e com outra filha à caminho. Lamenta não ter dado certo: “Querida que minha filha tivesse o pai por perto, a família toda unida”.

Com a separação, quem segurou mesmo as pontas foram os parentes de Luana. “Meu irmão se tornou um pai pra ela. Leva e busca na creche, compra as coisas que precisa... Se não fosse por ele, minha mãe e minha irmã, eu não ia saber o que fazer.

Ainda bem que eu tenho esse apoio, porque tem muitas jovens que não têm”.

Julia lembra que foi justamente por causa da confiança que ela e o namorado passavam em seu relacionamento que a família recebeu bem a notícia da gravidez. “Ele era bem ‘parceirão’ meu, então todo mundo aceitou. Claro que como é adolescente, todos têm aquele pensamento: é nova, tem que estudar, tem que trabalhar... Mas eu provei pra eles que não, que eu podia fazer tudo aquilo e não foi porque eu engravidei que eu ia deixar de fazer minhas coisas.” Mesmo durante os períodos de gestação, ela nunca deixou de estudar. Estava no segundo ano do Ensino Médio quando engravidou da primeira filha. Com o nascimento, já em seu último ano de colégio, Julia cumpriu o período de licença maternidade fazendo trabalhos enviados pelos professores em casa. Ao final da licença, voltou às aulas e se formou. Logo em seguida fez um curso técnico no SENAC, e recebeu o diploma de recepcionista na área da saúde – profissão que exerce atualmente. Focada no antigo sonho de ser enfermeira, este ano ela iniciou o curso técnico de enfermagem, e se prepara para participar de uma formação para socorristas do SAMU. “Meus filhos nunca foram empecilho pra nada, eu sempre tive força de vontade pra seguir em frente, eles não são um problema.”

Julia resiste a todas as adversidades, permanecendo na luta por uma formação de qualidade e uma carreira digna. Mesmo superando todas as expectativas, ela sente que sua condição de mãe é colocada como um entrave ao seu desenvolvimento profissional. Entrevistas de emprego feitas com mulheres ainda têm entre suas principais questões a quantidade de filhos, e, inúmeras vezes, Julia se viu sendo preterida para a vaga ao responder que tinha duas crianças. “A resposta era sempre a mesma, eles diziam que eu não tinha o perfil.” Em uma das empresas em que trabalhou, foi demitida ainda durante o período de experiência, pois precisou pegar um atestado para cuidar do filho doente. “Todo mundo julga uma mãe, mas na hora de apoiar, ninguém apoia.”

Diferentemente de Julia, Fernanda, que estava no primeiro ano do Ensino Médio quando engravidou, não retornou às salas de aula. Para chegar ao colégio estadual onde estudava, a cerca de 2 km de sua casa, precisava fazer um trajeto de aproximadamente

30 minutos a pé, fator decisivo para a escolha de interromper temporariamente os estudos. No próximo ano ela pretende colocar a filha em uma creche, para procurar um emprego e voltar a estudar. Sonha em fazer uma faculdade para ser advogada e defender o irmão que está preso desde janeiro deste ano. Por enquanto, o sustento dela e da filha que está por vir é assegurado pelo marido, um jovem de 22 anos que trabalha como servente de pedreiro.

Luana, por sua vez, dividia seu tempo entre estudos, trabalho e lazer antes de engravidar. Aos 16 anos, ela frequentava a sexta série do ensino fundamental. O atraso é justificado por algumas desistências ao longo do percurso. Durante o dia, trabalhava em uma padaria. Saía de casa às 5h da manhã para retornar às 15h. Após algum descanso, seguia para a aula, no período noturno. Nessa rotina também tinha tempo para um hobby: as aulas de fanfarra do colégio, das quais participava desde os 10 anos. Na falta de professor, foi encarregada de ensinar os colegas, conquista da qual fala com orgulho. Na parede da

“MEUS FILHOS NUNCA FORAM EMPECILHO PRA NADA, EU SEMPRE TIVE FORÇA DE VONTADE PARA SEGUIR EM FRENTE. ELES NÃO SÃO UM PROBLEMA”

pequena casa de madeira, fotos exibem Luana ainda criança, vestida com pompa para mais um desfile. “O que eu mais gostava na fanfarra eram as viagens, já fui pra um monte de lugares. Já fui pra Guabiruba, pra Barra Velha... pra’queles lados eu já conheci tudo!”

Apesar dos atrasos e desvios de percurso, ela ainda pretende voltar a estudar. Um supletivo, para poder terminar logo e começar a faculdade. O curso escolhido? Pedagogia. “Porque pra ser professora de fanfarra tem que se formar”, argumenta. Ela também pretende voltar a trabalhar e já está procurando emprego, mas por enquanto nada. Sua única exigência é que seja um emprego que dê para conciliar com as aulas do supletivo.

Antes da primeira gravidez, Andressa fazia estágio pelo programa Jovem Aprendiz durante a tarde e

estudava no período da noite. Ela, que cursava o terceiro ano do ensino médio, conseguiu seguir frequentando as aulas até um dia antes do nascimento do filho, no mês de março. Interrompeu por um tempo os estudos, para cuidar do bebê, e voltou ao ensino médio no ano seguinte, por meio de um supletivo. Antes de descobrir a segunda gestação pretendia fazer uma faculdade, mas adiou os planos para depois do nascimento da filha. Ela também está afastada do emprego, por causa das complicações da gravidez, mas não vê a hora de retornar. “Ficar em casa cansa muito, é muito chato! Eu sempre tenho que arranjar alguma coisa para fazer pro dia passar mais rápido. Às vezes eu começo a limpar a casa, vou na casa da minha avó, ou vou um pouco na casa da minha madrasta... e vou ficando assim.” Andressa é acostumada com trabalho duro desde cedo. Aos dez anos de idade já trabalhava cuidando de crianças, fez o estágio enquanto estudava e chegou a trabalhar mais de dez horas por dia, conciliando dois empregos.

Renata também começou a trabalhar ainda criança, ajudando a mãe, que fazia pães para vender na rua. Depois trabalhou na fabricação de calçados em um ateliê, quando nem idade tinha para ter a carteira assinada. Pouco antes de deixar o Rio Grande do Sul, foi funcionária de um mercado, e quando chegou em Florianópolis trabalhou em uma lanchonete do Mc Donalds. Sua vida escolar terminou na oitava série do Ensino Fundamental. A interrupção não teve nenhuma relação com a gravidez.

Alice também parou de estudar durante a oitava série, quando fugiu de casa. O casamento, e depois a gravidez, contribuíram para que ela permanecesse

fora da escola, mas antes desses eventos já não havia muita perspectiva de continuar estudando. “Mesmo se eu tivesse ficado na escola, não teria me formado na oitava série. Ia rodar aquele ano.” Com as inúmeras mudanças de bairro, e conseqüentemente de escola, ela e a irmã já haviam perdido o interesse pelos estudos. Além dos problemas vividos em casa, com a mãe deprimida e alcoólatra, elas sofriam por não conseguir se adaptar aos novos ambientes, fazer amizades e acompanhar os conteúdos ministrados pelos professores. “Se eu tivesse ficado em uma escola só, talvez eu até tivesse continuado. Mas como fiquei mudando o tempo todo... Eu tava na oitava série e nem sabia direito da tabuada, era muito complicado!”, justifica Renata.

Hoje, com todo o foco voltado para a filha que está para nascer, voltar a estudar não está em sua lista de prioridades. “Eu quero ficar um tempo curtindo ela, né? Mais eu tarde eu pretendo fazer um curso de inglês, e talvez abrir um negócio próprio. Sempre quis ter uma cafeteria”. Alice, por sua vez, mesmo depois de anos longe das salas de aula, admite ter vontade de voltar a estudar. Quer fazer algum curso profissionalizante, algo para melhorar a renda. Questionada sobre o motivo de ter recuperado o desejo de ter uma formação, ela sorri enquanto move a cabeça em direção à filha: “Quando ela tiver idade para entrar na escola, como é que eu vou cobrar dela que ela tem que estudar, ter uma profissão? Eu vou ter que passar por isso pra poder cobrar dela. O que inspira a criança a estudar e ter uma profissão é ver o incentivo dos pais”.



pequeno Eryck pedala rapidamente sua motoca, entrando e saindo pela porta da cozinha repetidas vezes: ‘Vrummmm! Vrummmm!’ Enquanto isso, Anna corre para pegar a sua maleta de médica, que pretende usar para examinar o irmão. Logo desiste da brincadeira – o paciente não é dos melhores, não para quieto no lugar – e vai se embelezar com o batom rosa claro que ganhou da mãe. Eryck, que já havia largado a motoca em um canto, entra em casa empurrando uma bicicleta, mas logo é repreendido:

– Aqui dentro não!

– ‘Qui dento’ não! Repete, satisfeito com seu sucesso em completar a frase.

Julia sorri. “Aqui é todo dia assim, hoje eles estão

tranquilos ainda.” Os finais de semana são as únicas oportunidades que ela tem de passar mais tempo com os filhos. De segunda a sexta só os vê de manhã bem cedo, antes de sair para as aulas do curso de enfermagem. Depois de arrumá-los para a creche, os deixa na casa da avó, que mora no mesmo terreno, localizado no bairro Ribeirão da Ilha, no sul de Florianópolis. Ela é responsável por levá-los até a van escolar e ficar com eles no fim do dia, até o horário em que Julia chega do trabalho. “Tudo o que eu faço é por eles. Eu acordo todo dia às 5h da manhã, e às vezes eu to tão cansada... Mas aí eu olho eles ali dormindo, sabe? Tu

vê que com isso vai dar pra melhorar a vida deles e dá até um gás pra levantar. É bem gratificante.”

Quem também sente o peso da responsabilidade é Fernanda, que ingressou no mundo dos adultos quando decidiu que iria casar. “Às vezes eu reclamo: por que é que eu casei? Tem que fazer janta, tem que levantar 5h30 da manhã pra fazer o café dele pra ele ir trabalhar, limpar a casa... Mas eu que quis assim, não foi a minha mãe que me obrigou.” Como o marido trabalha em período integral de segunda à sexta, só ajuda com as tarefas domésticas finais de semana. Ele colabora fazendo coisas pontuais, como levantar os móveis para ela limpar o chão. “Mas o que ele gosta mesmo é de soltar pipa. Ele é bem mulecão! Ele trabalha e solta pipa, trabalha e solta pipa... Mas tenho que levantar as mãos né, porque tem marido que faz coisa bem pior.” A aspirante a advogada confessa que imaginava que a vida de casada seria diferente. “Eu via os outros casais novos que saíam, curtiam a vida, e achei que seria igual... Mas não é, muda completamente. Logo fiquei grávida, não deu pra curtir muito.”

Se tivesse ideia de como seria, Fernanda teria pensado melhor antes de dar esse importante passo. A psicóloga Rejane de Farias defende que “a sociedade tem falhado em proporcionar aos jovens informações e espaços de reflexão que possibilitem a elaboração de projetos de vida interessantes e viáveis, que justifiquem o adiamento da constituição de uma família”. Ela valoriza a

importância dos projetos de educação sexual, mas julga ser necessário avançar para além das informações sobre os métodos contraceptivos e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST’s).

Para a psicóloga Marivete Gesser, não está errado, do ponto de vista das políticas públicas, “prevenir” a gravidez na adolescência. O problema é o modo

como isso é feito.

“Quando você fala para essa jovem que existem várias outras possibilidades de vida além do casamento e da maternidade e mostra que ela pode fazer essa escolha mais adiante, você tem mais êxito do que

“QUANDO VOCÊ FALA PARA ESSA JOVEM QUE EXISTEM OUTRAS POSSIBILIDADES DE VIDA ALÉM DO CASAMENTO E DA MATERNIDADE, TEM MAIS ÊXITO DO QUE QUANDO SIMPLEMENTE FAZ UM JULGAMENTO”

quando simplesmente faz um julgamento. A chave é viabilizar para ela outros caminhos, além daqueles que ela aprendeu serem possíveis.”

Na última década houve uma redução do número de mães adolescentes em nosso país. De acordo com o relatório “Saúde Brasil 2011”, elaborado pelo Ministério da Saúde, entre 2000 e 2010 o percentual de mulheres que tinham menos de vinte anos no momento do parto caiu de 23,5% para 19,3%. A médica Wilza Vieira Villela relaciona essa gradativa mudança ao aumento da escolarização no país, com o advento de programas como o Prouni, a criação de cursos técnicos, a expansão de vagas nas universidades públicas e a política de cotas. “É uma





tendência ainda tímida, sem dúvida, mas acredito que essa é uma política exitosa que tem contribuído para a redução da desigualdade entre os jovens das diferentes classes sociais, e, conseqüentemente, para a redução desse tipo de gestação entre eles”.

Gesser também acredita na importância da democratização do acesso à educação como ferramenta de empoderamento dos adolescentes, e reforça a ideia de que suas escolhas sempre devem ser respeitadas. “Isso quer dizer que você não irá julgar a menina que, mesmo conhecendo todas as possibilidades, decide que aos 14 anos quer ser mãe. Podemos instrumentalizar essas adolescentes para que elas conheçam as várias possibilidades de vida que elas têm, mas devemos lembrar que uma dessas possibilidades é ser mãe. Não temos o direito de negar que ela é legítima, porque é legítima, sim! E quem disse que não é?”

Tão legítima quanto as trajetórias dessas seis mulheres que se tornaram mães. Hoje, Alice só quer ser o melhor exemplo para sua filha. Renata deseja aproveitar cada minuto da maternidade. Julia batalha por sua carreira profissional. Fernanda sonha com uma. Andressa quer viver em paz ao lado da mãe e dos filhos, e Luana

pensa em voltar a fazer algo que a realize. Acima de tudo, desejam ser respeitadas por suas escolhas. No final de outubro do ano passado, pouco menos de dois meses após ter descoberto que seria mãe, Fernanda publicou um texto em seu Facebook. No desabafo, ela expressou sua visão sobre a maternidade. O texto também poderia ser de Alice, Renata, Luana, Andressa ou Julia. Poderia ser de qualquer mãe adolescente que nunca teve voz:

“Mãe. O único ser que tem a disposição de acordar no meio da madrugada pra ficar acordado com seu bebê por horas, quando está acontecendo algo. Quem fica 24 horas por dia com o bebê, e se tiram dela por um minuto é motivo de ciúmes. Mãe cria, educa, ensina, cuida... Então não julgue uma mãe, só por ela ter seu filho na adolescência. ‘Um bebê cuidando de outro bebê’, não sei se vocês já ouviram isso, mais eu já ouvi, e não gostei. Porque independente da minha idade, eu tive que tomar a mesma responsabilidade que uma mulher de 25, 30 anos toma quando vira mãe, eu cuido igual, e até melhor que elas. Então não julgue, falando que a menina não teve juízo ao engravidar. Ao invés de dizer algo pra magoar, diga: ‘Eu admiro sua força!’”
(Fernanda, 17. Mãe.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo

Reportagem

Camila Hammes Marian

Projeto Gráfico e Ilustrações

Jéssica Sborz

Orientação

Mauro César Silveira

Florianópolis, SC

Julho de 2015

